



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 19

Entre nós

Branca Vianna: : Tá, então vamo começar?

Viviane Motta: Tá.

Branca Vianna: Tá começando o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna. E essa é a Viviane.

Viviane Motta: Eu sou a Viviane Motta.

Branca Vianna: A Vivi chegou a estudar direito, mas ela sempre se interessou mais por moda. Uma hora a moda falou mais alto, e ela acabou virando figurinista.

Viviane Motta: Eu trabalhava na Polishop e lá eu fazia o figurino das publicidades dele, dos filmes publicitários....

Branca Vianna: Pra quem não sabe, a Polishop tem um canal de TV em que a programação inteira, 24 horas, é só venda de produtos. A Polishop TV existe desde 2003. Mas a Vivi começou lá em 2008.

Viviane Motta: E foi lá que eu conheci a Tanya. Ela foi, entrou lá para ser apresentadora e eu trabalhava com ela.

Branca Vianna: A Tanya apresentadora; a Vivi, figurinista.

Branca Vianna: E como é que vocês ficaram amigas? Foi de cara?

Viviane Motta: Foi de cara porque ela era uma pessoa extremamente agradável, simpática, carismática. Sabe aquela pessoa que entra num lugar e todo mundo pára para olhar – ela, assim, era sempre só sorrisos, você – nunca vi a pessoa mau humorada, constrangida, intimidada. Claro, ela era extremamente bonita, uma mulher alta, magra, modelo, perfil assim. Era impressionante.

Branca Vianna: O trabalho da Vivi era escolher o que a Tanya – e as outras apresentadoras – iam vestir na TV.

E quando você tá num papel desses, é aí que você consegue ver uma pessoa como ela realmente é. Mesmo num canal pequeno, aparecer na TV mexe com a cabeça das pessoas... e tem gente que vira estrela, no mau sentido. Quer controlar tudo, trata mal as pessoas, abusa de funcionários...

Mas a Tanya não era assim. Quando ela entrava no estúdio, ela cumprimentava todo mundo, um por um.

Viviane Motta: Se você perguntar para qualquer pessoa que trabalhou com ela, não tem uma pessoa que não fale, “Ah, ela era muito simpática”. “A Taninha”, sempre referiam-se a ela no diminutivo, sabe? “Ah, ela era tão agradável, ela era tão querida, ela era tão boazinha”. Todo mundo fala dela desse jeito. Quer dizer, mais ou menos.

Branca Vianna: A gente já vai chegar nesse “mais ou menos”.

E eu já vou avisando que, por causa desse “mais ou menos”, a Vivi pediu pra gente usar esse pseudônimo “Tanya” – que não era o nome real da apresentadora.

Viviane Motta: Eu fui percebendo que ela tinha alguma coisa estranha quando ela me contava das relações pessoais que ela tinha com os namorados ou com os homens que ela se envolvia. E aí eu via que a coisa, assim – era um pouco além de ser muito intensa.

Branca Vianna: Enquanto ela acertava os looks da Tanya, a Vivi ia ouvindo sobre os namorados, acompanhando a vida dela ali nos bastidores.

Viviane Motta: Ela ficava ligando mil vezes para o cara aparecer onde ele estava. Se o cara falava: “Eu estou no bar e tal com os amigos”, ela desconfiava de alguma coisa. Ela era muito desconfiada de que o cara que estava traindo e sacaneando ela, ela aparecia lá ou ela começava a dar barraco, essas coisas. Aí eu falei: “Pô, não vai por aí. Sabe, você se expõe e você é uma pessoa legal, todo mundo gosta de você”.

Branca Vianna: A Tanya tinha esse lado ciumento. Mas, nessas de conviver e de dar conselhos no camarim, ela e a Vivi foram ficando muito próximas. Ao longo dos anos, ela conheceu vários namorados da Tanya – teve um ator, um cara casado, um chef de cozinha...

Elas trabalharam juntas durante uns três anos. A Vivi ainda tem fotos dos looks que ela fazia pras apresentadoras venderem creme anti-rugas, escada de pintor, depiladora, esfregão, prancha de cabelo...

Só que teve um momento que o comportamento da Tanya começou a mudar.

Viviane Motta: Ela começou de repente a chegar atrasada no trabalho, coisa que ela nunca fazia. Chegava atrasada em reunião, estava sempre um pouco aérea. E aí ela começou acho que a tomar mais medicação também. E aí eles começaram a cortar os trabalhos com ela, assim. E aí cancelaram o contrato dela.

Branca Vianna: A Tanya foi demitida da Polishop, mas parecia que tava tudo bem. Porque nessa época ela tava namorando um chef de cozinha, que tava abrindo um restaurante... e ela começou a se envolver cada vez mais no negócio.

E aí, ela e a Vivi acabaram se afastando. Normal, né? Elas tinham ficado tão próximas porque se viam todo dia no trabalho.

Elas trocavam mensagens às vezes, mas uma hora a Tanya parou de responder. A Vivi achou esquisito, porque elas não tinham rompido, não tinham brigado... então não tinha motivo pra Tanya ter cortado ela da vida dela. Ela chegou a perguntar pra conhecidos se alguém sabia o que tinha acontecido. Mas nada. Vida que segue.

Aí, um ano e meio depois, Tanya apareceu. Mandou uma mensagem:

Viviane Motta: “Vivi, eu quero te explicar tudo o que aconteceu. Eu sei que eu fiquei desaparecida e você deve ter tentado falar comigo e tal. Eu quero te encontrar pessoalmente para dizer tudo o que aconteceu na minha vida”.

Branca Vianna: A história que a Tanya contou naquele dia era a seguinte: ela andava numa fase muito ruim com o namorado, o chef de cozinha.

Viviane Motta: Ele morava numa vila em Pinheiros, então os vizinhos praticamente escutavam todas as brigas. Ela achava que ele estava traindo ela. O que ela tinha me dito é que ela tinha, ela sabia que ele ficava com uma das auxiliares de cozinha, sei lá. Que um dia ela encontrou, ela chegou no restaurante, não encontrava os dois e foi ver, eles estavam trancados no banheiro transando. Tipo isso...

Branca Vianna: Tem um vídeo do que aconteceu depois. Um dos vizinhos da Tanya gravou e postou no YouTube. Na verdade não dava pra ver nada no vídeo, mas dava pra ouvir a Tanya gritando muito. Na legenda diz algo do tipo: “essa louca ameaçou botar fogo na casa dele, e três dias depois ela fez isso mesmo”.

Viviane Motta: E aí ela teve um surto, foi para casa dele e colocou fogo na casa, colocou fogo na casa mesmo. Os vizinhos chamaram um bombeiro, SAMU e aí parece que – isso ela me contou depois – que ela saiu tão nervosa que ela estava em surto, que ela saiu com o carro dela batendo nos carros da vizinhança porque era uma vila. E depois eu vi, o carro dela tava todo destruído, todo amassado nas laterais, o retrovisor caído e tal.

Branca Vianna: Segundo a Tanya, os vizinhos, evidentemente chateados com essa saída dramática, tentaram parar o carro dela e tirar satisfações. E foi aí que chegou o SAMU e levou ela embora.

Viviane Motta: Mas aí ela diz que depois disso foi internada numa clínica, ficou um ano e meio internada, sem poder ter contato com ninguém. Ela só podia, claro, tirar celular, todas essas coisas, e ela só podia ter contato com a família.

Branca Vianna: Era por isso que ela tinha sumido.

Agora a Tanya tava de volta, e tava precisando recomeçar a vida.

E a Vivi decidiu chegar junto. Ela emprestou roupas pra Tanya fazer entrevistas de emprego, testes de modelo e tal.

Mas claro que, depois de um surto desses, não era só uma troca de guarda-roupa que ia resolver.

Viviane Motta: E antes disso, ela teve uma vida incrível, assim. Ela foi modelo nos anos 80. Ela era dez anos mais velha que eu. Ela foi modelo, uma modelo assim que ela saiu em capa de revista, sabe? E ela morou fora, modelando. Ela morou na Itália, Ela morou na China. Ela foi uma pessoa com muitas oportunidades de vida assim. E assim, foi uma vida bonita, sabe?

Branca Vianna: Que de repente degingolou.

Viviane Motta: Sabe quando você olha para o lado e vê que você não tem mais trabalho? Que está todo mundo achando que você é uma louca “a Tanya, a Tanya, a louca”. Sabe as pessoas que— que conviveram um pouco com ela, a ela. “Ela surtou. Ela tá louca”. E aí, você sabe, ficou meio que esse estigma..

Branca Vianna: A Tanya tava frágil, e a Vivi teve a reação de acolher ela, de ser uma espécie de “porto seguro”.

Elas passaram a conviver mais – isso era já por volta de 2013. E foi aí que a Tanya começou a apresentar outros amigos dela pra Vivi, e eles se conversavam por Facebook.

Juntos eles formavam tipo um grupo de apoio da Tanya.

Viviane Motta: Basicamente era Tarcísio, Marcello, Beto, Laura, Carol. Eram esses os amigos próximos, assim.

Branca Vianna: Só que eles não pareciam “classe trabalhadora” que nem a Vivi. Eles tinham mais jeito de herdeiros de famílias ricas, exalando glamour e riqueza em tudo que é foto.

Viviane Motta: Marcello Jereissati. O outro chamava Beto Briscam, alguma coisa assim. A outra chamava Laura Magalhães, ela morava com uma namorada, que era Carol alguma coisa. Essas eram as pessoas.

Branca Vianna: Uns moravam fora, outros não, mas tavam sempre viajando, passeando de helicóptero pra lá e pra cá.

Viviane Motta: A Tanya, ela estava muito na pior. Então, de vez em quando eu pagava uma conta de luz, alguma coisa assim, para ajudar na medida das minhas possibilidades. E ela achava estranho porque eu falava “gente, essa gente é tão milionária, poxa, essa gente não te ajuda?”

Branca Vianna: A Vivi não falava de fato essas coisas pra Tanya. Ela só pensava. Porque ela não queria que a Tanya achasse que ela não tava querendo ajudar... E ela também não se sentia à vontade pra dar a real pra eles, porque ela nunca tinha visto ninguém pessoalmente. Mas eles pareciam sempre a postos pra dar uma força pra Tanya.

Viviane Motta: Então ela postava uma foto, vinha um, vinha outro, vinha outro e eu no meio. Eu era parte da rede de apoio.

Branca Vianna: E, nessa rede de apoio – Marcello, Beto, Laura, Carol –, a Vivi acabou se aproximando mais de um deles.

Viviane Motta: O Tarcísio eu conheci no Facebook, e ele era o melhor amigo da Tanya. Ele era um vizinho dela, eles se conheciam há vinte e tantos anos e era o melhor amigo dela. Era o cara que segurava as barras dela quando ninguém mais estava por perto.

Branca Vianna: O Tarcísio era muito discreto nas redes, não postava muito. Mas no Messenger, ele foi puxando papo com a Vivi.

Branca Vianna: E como ele era?

Viviane Motta: Fisicamente, ele era um gato, um cara lindo, maravilhoso, que é impossível qualquer mulher não ter – qualquer mulher ou homem, enfim, alguém que tem interesse num homem e não se interessasse por ele, porque ele era lindo, maravilhoso. Quando a gente começou a conversar, ele sempre foi muito gentil, muito atencioso e logo assim, primeiro ele veio com “Vamos ser amigos, porque a nossa amiga em comum precisa da gente. Você é a melhor amiga dela, eu sou o melhor amigo, então a gente se une para ajudá-la”. Mas logo, logo no primeiro dia, conversando, eu já vi que ele vinha com outros interesses e eu fiquei felicíssima porque ele era um príncipe. Ele estava estável financeiramente, ele queria um relacionamento sério, ele queria progredir e crescer com uma companheira. Enfim, era tudo, toda a história, esse era o currículo dele. Eu falei “gente, finalmente encontrei um cara bacana na minha vida”. Tá excelente.

Branca Vianna: E aí vocês foram se aproximando um do outro por causa desse apoio que vocês dois davam.

Viviane Motta: Exatamente.

Branca Vianna: O centro das conversas da Vivi com o Tarcísio era sempre a Tanya – de como ela tava mal, precisando de uma força –, mas, nessa troca, a amizade dos dois foi se aprofundando. Tudo pelo Facebook, porque o Tarcísio também viajava muito. Só que não que nem os outros, que parecia que viviam de férias.

Viviane Motta: Ele viajava muito a trabalho, sabe? Era muito difícil a gente conciliar as agendas.

Branca Vianna: Qual era o trabalho dele?

Viviane Motta: Ele era engenheiro e arquiteto. Ele trabalhava numa grande construtora. E era um cara tipo, com cargo bom, responsável por grandes obras e tal. E aí ele falou que ele tinha uma obra em Brasília muito importante, que ele ia sempre para lá e que quando terminasse essa obra ele sairia dessa empresa, porque ele já tinha montado a empresa dele, que aí a vida ia ser tranquila.

Branca Vianna: Todo mundo já passou por um período desses de trabalho que fica praticamente impossível ter qualquer vida social. E quando o trabalho envolve viagem, então, fica ainda mais difícil.

Viviane Motta: Então a gente ficou conversando mais ou menos um mês, um mês e pouco. Ele viajava muito, então era assim, precisava... a gente só se falava pelo Facebook e aí a gente marcou o Skype, não dava certo, ele sumia ou ele não conseguia, ele me mandava mensagem avisando que ele não ia conseguir, que ele tinha uma reunião de última hora e aí a gente nunca conseguiu se falar por Skype.

Branca Vianna: A Vivi comentou com a Tanya que ela tava interessada no Tarcísio...

Viviane Motta: E aí depois ela veio me falar que ele sempre perguntou de mim, que só que ela falava que ele não...

Branca Vianna: Mas a Tanya alertou ela que o excesso de trabalho era o menor dos problemas ali.

Viviane Motta: Que ele estava numa fase que ele não era um cara bacana para mim. Então ele, ela falava, “Não, a Vivi, não é para você agora, você está nessa fase aí que você está se dedicando ao trabalho, vai morar fora, vai voltar”, que teoricamente ele era um cara que tinha morado fora anos nos Estados Unidos e tinha voltado recentemente. Tinha uma namorada lá nos Estados Unidos, e que essa namorada se suicidou nos Estados Unidos. E aí ele estava voltando para o Brasil para reconstruir a vida dele, que é mais.

Branca Vianna: Alerta recebido. A Vivi resolveu pegar leve, deixar o Tarcísio ter o tempo dele... mas eles continuaram se falando. Sobre a Tanya.

Branca Vianna: E aí, como é que vocês combinaram da primeira vez de, de se encontrar?

Viviane Motta: E a gente marcou uma vez de jantar e aí ia jantar junto com a Tanya, e a Tanya desapareceu. Teve uma crise de depressão, sei lá o que, e desapareceu. E aí a gente estava muito preocupado com ela e a gente falou "não tem clima pra ir jantar". Ele até insistiu esse dia e eu falei "Ah, eu acho que não tem clima, porque eu estou muito preocupada". A gente tinha marcado de se encontrar, eu e a Tanya, de ver uma exposição no MIS. Eu fui. Ela não apareceu. Eu ligava pra ela e ela não atendia. Até o porteiro falou que ela tinha saído andando, caminhando e nunca mais soube dela. E aí ele até chamou a polícia, disse ele, que chamou uns amigos dele, policiais, pra dar uma volta pelo bairro que ela morava num bairro no Morumbi, aqui em São Paulo, para dar uma volta para ver se encontrava ela e até umas oito, nove da noite, não tinham encontrado. Então eu estava muito preocupada. Aí ele me manda uma mensagem e os policiais encontraram ela. Ela estava atordoada porque ela tomava muita medicação para dormir, para acordar, para ficar feliz, para ficar triste.

Branca Vianna: Parece que naquela noite, a Tanya tinha exagerado no remédio. Ela saiu andando de casa no Morumbi e foi encontrada vagando por uma ponte na Marginal. Fora o susto, ela tava bem, na medida do possível.

O que foi ficando claro era que a Tanya tinha algumas questões emocionais bastante sérias. Mas também que ela tinha um núcleo de amizades muito fortes. E a Vivi fazia parte desse núcleo.

Com a diferença de que ela tinha chegado depois – todos eram amigos entre si de outros carnavais, ela era a novata ali.

E com eles viajando tanto, nunca rolava um encontro presencial dessa rede de apoio.

Até que teve um dia que calhou de todos estarem em São Paulo ao mesmo tempo – quase um alinhamento de planetas, assim. E eles chamaram a Vivi.

Viviane Motta: Eles me convidaram para um almoço na hora. Então ninguém passou o endereço. "Vamos almoçar amanhã meio-dia e meia, na minha casa". Fechou. E aí, 11h00 eu mandava uma mensagem "Gente, tá de pé o almoço? Me passem o endereço e tal". Aí a pessoa não respondia a mensagem, não conseguia falar com a Tanya. E aí eu falei "Bom, não vai rolar ou vai rolar?" Ou vai rolar e eu não fui convidada e eles não querem me passar o endereço, ou esqueceram de me passar o endereço.

Branca Vianna: A Vivi ficou meio desconfiada de que eles talvez quisessem fazer uma coisa só dos amigos antigos, mas acabaram combinando por engano num grupo que ela participava... então beleza, ela não ligou muito.

Viviane Motta: Eu falei “Tudo bem, desencana, vou fazer minhas coisas. Só me avisa para não ficar esperando, né?”.

Branca Vianna: Só que não aconteceu só uma vez.

Viviane Motta: Isso aconteceu, sei lá, umas três vezes, mais ou menos.

Branca Vianna: E ela tinha outra suspeita. De que o flerte entre ela e o Tarcísio tinha a ver com essa exclusão.

Viviane Motta: O Marcello, por exemplo, ele era um cara que não queria que eu conhecesse o Tarcísio. Ele, teoricamente, era o melhor amigo do Tarcísio e ele me achava falsa e interesseira.

Branca Vianna: Ciúme de amigo é uma coisa que eu nunca vou entender – mas acontece.

Viviane Motta: O Marcello era um cara que sempre tentava me alfinetar. Em toda conversa ele me alfinetava, essa era a personalidade dele. Aí eu falava “Nossa, mas você não gosta de mim, não pára de me chamar para conversar, mas você não gosta de mim e tal”. Ele: “E, só tenho amizade com você, porque– por conta da Tanya. Eu não– eu não acredito em pessoas como você. Para mim você é de mentira, você quer ser perfeita”. O Beto era um cara mais bonachão, assim, mas quando a nossa amizade foi desfeita, ele me mandou e-mails me ameaçando. Então ele era um cara brincalhão, engraçado, mas na hora de que a coisa apertava, ele ia lá e dava uma agredida falsa. E ele era um cara que eu ficava com medo porque ele falou “Ah, eu estou no Brasil, eu sei onde você mora”. Eu até pensei em ir na delegacia. A Laura era– ela era secona, assim. Não– não era muito de ficar batendo papo, não me mandava mensagem e tal. Mas quando eu desfiz a amizade, ela também me mandou um e-mail agressivo.

Branca Vianna: Diferente do e-mail do Beto.

Viviane Motta: Era mais infantil. Assim, ela falava, “Você prejudicou a Tanya, ela confiava em você. Você é uma falsa, seu cabelo é de mentira, sua água de salsicha”, sabe umas coisas assim, infantis até.

Branca Vianna: Que quer dizer “seu cabelo é de mentira”?

Viviane Motta: É porque eu sou.. eu sou ruiva, eu tinjo o meu cabelo. E aí “você é feia sem maquiagem”, uma coisa assim, nesse nível que eu falo “Nossa, gente, eu não sei se eu dou risada”.

Branca Vianna: A gente já vai chegar no que levou essa turma a ficar xingando e ameaçando a Vivi.

Mas ela tolerava as implicações do Marcello e esses "perdidos" e securas do resto do grupo porque ela sentia que era parte do pacote da Tanya.

Branca Vianna: Você gostava dela, né?

Viviane Motta: Muito, muito! Não, ela ficava com a chave da minha casa. Eu ia trabalhar, eu falava, "Vem aqui pra minha casa, aqui tem internet, sei lá, eu passo no mercado, deixo umas coisas aqui, vem aqui".

Branca Vianna: Só que ser esse "porto seguro" da Tanya foi cobrando um preço alto da paz da Vivi.

Viviane Motta: E aí eu toda vez eu lembro que quando ela ficava lá, eu chegava, assim, "pelo amor de Deus, que essa mulher não tenha se jogado da minha varanda". Era assim, eu sempre ficava muito angustiada. Coração sempre palpitando, esperando o telefone tocar e alguém falar, "Vivi, ela não resistiu", ou "Vivi, ela não aguentou". Eu sempre estava com o coração na mão...

Branca Vianna: Era uma preocupação constante. Mas que nunca se concretizava.

Viviane Motta: E aí eu lembro que esse dia eu cheguei, eu falei "Ai, gente, só falta eu chegar e ter Samu na porta da minha casa, ter bombeiro, ter alguma coisa, sei lá, ela fez alguma loucura, né?" E aí eu cheguei e ela estava lá de boa, tranquila, na internet, em paz, sabe?

Branca Vianna: A Vivi relevava esse estresse porque, afinal, a amizade dela com a Tanya não era nova. Elas se conheciam há anos, e na época da Polishop a Tanya não era assim. Agora ela tava se recuperando de um surto grave.

Viviane Motta: Então eu falava, "cara, ela não está no equilíbrio dela, ela está buscando isso, mas ela não tá... Então esse é o momento que eu não posso virar as costas".

Branca Vianna: Nesses altos e baixos, às vezes a Tanya dava mais umas sumidas. Ela mandava mensagem dizendo que ia tomar remédio pra dormir e ficava dois dias sem dar notícia.

E, nesses blackouts de comunicação, ela apelava pro Tarcísio.

Viviane Motta: E nos momentos em que ela passava mais de dois dias, por exemplo, desaparecida, ele falava que passava lá na casa dela, que ele tinha uma chave reserva. E aí ele falava, "Não, eu passei. Ela estava dormindo. Deixei umas coisas para ela comer". Ele sempre assim dizia que passava, sei lá. A cada um, dois dias na casa dela.

Branca Vianna: A Vivi não conseguia deixar de pensar na barra que era, pro Tarcísio, se recuperando do trauma de uma namorada ter se suicidado, ter que acolher a melhor amiga nessa espiral de depressão.

Viviane Motta: “Nossa, gente, que coitado! Como a vida cruza as histórias de maneira inusitada”.

Branca Vianna: E juntos, nesse objetivo de cuidar da Tanya, a Vivi e o Tarcísio continuavam se falando sempre.

Viviane Motta: E aí as conversas foram ficando assim, mais íntimas, não íntimas no sentido sexual, mas íntimas assim: “Ah, eu tenho sentimentos por você”, “Eu também tenho”. “Eu quero te encontrar, eu quero te conhecer. E aí, aí a gente se falava o dia inteiro como namoradinho mesmo, né?...”

Branca Vianna: A Vivi me passou alguns prints das conversas dela com o Tarcísio nessa época. Realmente parece uma conversa de namorados à distância.

Mas ela tava tentando não botar muita pressão, respeitar o tempo do Tarcísio... e ir vivendo a vida dela.

Viviane Motta: E aí eu lembro que eu estava no Tinder nessa época e aí ele disse que me via no Tinder de um amigo dele e que aí ele tinha ficado muito decepcionado.

Branca Vianna: Porque ele não estava no Tinder.

Viviane Motta: Ele não, ele era, ele era da Igreja Batista e ele não fazia essas coisas. E aí eu fiquei arrasada! Arrasada. Que eu falei “Cara, o único cara honesto, bacana, sensacional que eu conheço, eu vacilo”... mas eu falava: “não é um vacilo, porque assim eu nem te – nem conheço o cara, eu estou solteira, assim, tá tudo bem conhecer outras pessoas, eu vida, enfim, a gente tem alguma coisa, mas não tem, assim, na prática não tem”.

Branca Vianna: Na prática não tinha mesmo. Não só eles não tavam namorando, como – lembra – eles nunca tinham se conhecido pessoalmente. Mas a Vivi ficou muito baqueada mesmo assim.

Viviane Motta: E aí eu sei que o que eu fiquei super chateada, me culpando, sabe? Me achando “Nossa, será que eu acho que eu não tenho caráter? Será que, que meus valores estão equivocados?” e tal. E daí a Tanya falava: “Dá um tempo pra ele. Ele é um cara muito apegado à religião e tal, a igreja dele. Mas ele vai processar essa história e eu tenho certeza que ele vai entender”.

Branca Vianna: Deu pra perceber que a Tanya, depois de desaconselhar a relação num primeiro momento, tava achando agora que podia dar certo. Que a Vivi e o Tarcísio realmente tinham a ver um com o outro.

Viviane Motta: E eu assim, tristíssima, eu lembro que eu passei o Natal tristíssima. E aí ele me mandou uma mensagem de Natal fofa. E aí eu falei “Ai, meu Deus, será que ele está querendo voltar a falar comigo? Ai que gracinha!” e tal. E ela falando, “Tá vendo? Ele só precisava de um tempo e tal, né?”

Branca Vianna: Foi bem nessa época que a depressão da Tanya deu uma piorada.

Viviane Motta: E aí ele falou, “Cara, estou muito preocupado e tal. Eu consegui o telefone do psiquiatra dela lá na clínica que ela ficou internada. Eu queria ir até lá para conversar com ele, pra entender que mais a gente pode fazer pra entender se essa medicação é certa, se ela está fazendo uma coisa, o tratamento certo e tal. Quer ir comigo?” E eu falei “Claro, vamos quando você quiser e tal”. Isso foi mais ou menos 2, 3 de janeiro. Então tá, “O médico volta só... Já mandei mensagem”. Ele era muito proativo, sabe tudo. Ele resolvia. Ai, que sonho! Era ou era o homem perfeito?

Branca Vianna: Detalhe que o primeiro date deles, o primeiro encontro, ia ser essa conversa com o psiquiatra da melhor amiga em comum. No mínimo exótico, né? Mas a Vivi tava muito feliz. E o encontro, esse date de intervenção psiquiátrica, tava marcado lá pro dia 9 de janeiro. Aqui, a gente já tava em 2014.

Viviane Motta: E ele tava tipo na chácara em Ibiúna, com os pais, sabe? Passando o Natal e ele era todo fofinho, do tipo: “meus pais são muito velhinhos, então eu queria eu toda vez eu quero passar Natal e ano novo com eles, enquanto eu posso aproveitar que eles estão aqui”.

Branca Vianna: Virou o ano, o Tarcísio tava com os pais, a Tanya tava mal, e de repente nenhum dos dois respondia mais as mensagens da Vivi.

Viviane Motta: A gente tinha uns combinados: “olha, acorda, me manda notícias, né, pra saber que você está viva”.

Branca Vianna: Esse acordo valia pra todos os melhores amigos da Tanya. Lembra, o Tarcísio tinha a chave do apartamento dela e passava lá de vez em quando pra ver se ela tava bem. Mas agora nem ele tava dando sinal de vida mais.

Viviane Motta: Aí eu falei “Cara, alguma coisa está acontecendo, alguma coisa está acontecendo”. E aí, pela primeira vez na minha vida, eu falei, “Cara, eu vou até a casa dela, eu vou lá, eu vou bater lá”. E eu fui. Parei na porta da casa dela, falei com o porteiro, ele falou, “Olha, ela não saiu de casa, ela está aí, mas eu não vejo faz dois dias”.

Branca Vianna: A Vivi tinha certeza de que alguma coisa horrível tinha acontecido.

Mas – ao contrário do Tarcísio – ela não tinha a chave da casa da Tanya. E ela tentava falar com ele, mas dava pra ver que ele não tava nem lendo as mensagens dela. A Vivi ficou horas esperando na portaria da Tanya, torcendo pra um deles dar notícias.

Viviane Motta: E aí chegou tipo oito horas da noite. Eu falei, “Cara, não sei se eu chamo a polícia, que que eu faço?” Aí eu fui pra casa e falei, “Bom, amanhã, se amanhã de manhã não tiver notícias, eu vou chamar a polícia”. Aí no dia seguinte, de manhã, eu recebo uma mensagem do Tarcísio, porém não era ele, era a irmã dele.

Branca Vianna: A Vivi ainda tem guardada essa mensagem:

Viviane Motta: “Oi. Meu nome é Cláudia, sou irmã do Tarcísio. Eu queria dizer que ele teve um acidente ontem na obra. Ele caiu, bateu a cabeça, fraturou o crânio – sei lá o que foi – ele ficou essa noite internado, mas não resistiu e faleceu hoje de manhã. Sinto muito.”

Aí eu respondi, “Não, não é possível. É mentira”. E nunca mais ninguém falou comigo. E aí eu tentava ligar para Tanya, e ela desaparecida. Eu falei, “Gente, ela nem sabe que o melhor amigo morreu, pelo amor de Deus!” E aí ela aparece, sei lá, uma hora depois de eu saber da notícia, chorando, chorando, chorando, falando que estava indo para o velório e tal, que estava indo para encontrar a família dele. E aí, no dia seguinte, a Tanya foi na minha casa. Choramos, choramos assim, ela estava inconsolada, eu também inconsolável, as duas assim muito traumatizadas. A rede de apoio mandando mensagem e todo mundo, muito triste e todo mundo muito chocado com o que aconteceu e tal. E isso durou assim, semanas, meses.

Branca Vianna: Essa foi a época em que as duas ficaram mais grudadas. Passando os finais de semana juntas, tentando apoiar uma à outra nesse luto comum.

Mas, depois de um tempo, a Vivi foi sentindo que tinha deixado de ser um apoio. Tinha virado uma dependência.

Viviane Motta: E eu, e eu não curto essa ideia, não, de uma amiga dependente emocionalmente de mim. Eu falei, “Cara, eu preciso começar a criar um plano B, assim, pra ir colocando um limite nessa relação, sabe?” Eu comecei, eu comecei a trabalhar muito também nessa época, que eu comecei a tentar dar uma afastada, sabe?

Branca Vianna: O plano B.

Viviane Motta: E aí ela percebeu. E aí eu, lendo as nossas últimas conversas, já tava uma conversa mais fria assim. E aí eu conheci um cara, comecei a meio namorar um cara nessa época e tal, e ela, e ela falava “Aí, torço muito pela sua felicidade”, mas ao mesmo tempo eu sabia que ela estava meio triste

porque não estava mais dando a atenção que ela queria e precisava e tal. Foi nessa época porque eu estava conversando com o Marcelo Jereissati pelo Facebook...

Branca Vianna: Lembra, o Marcelo Jereissati fazia parte da "rede de apoio" da Tanya. Ele tinha sido o melhor amigo do Tarcísio, não era muito fã da proximidade que ele vinha criando com a Vivi, mas nunca deixava de falar com ela.

Depois do Marcelo insistir, a Vivi confessou que tava incomodada. Ela sentia que a Tanya tava afastando ela um pouco das pessoas. Que a Tanya não gostava de fazer nenhum programa com outro amigo da Vivi, que só ia se a Vivi fosse sozinha. A Vivi não sabia se isso era consciente, de propósito, ou era só o resultado da Tanya estar carente e meio vulnerável.

Viviane Motta: E aí ele falou, "Ah, eu sabia que você era uma falsa, sabia que você não era amiga dela e tal. E eu tô mandando essa nossa conversa para ela". E aí ela leu, ficou extremamente chateada porque ela sempre dizia que eu era a pessoa mais honesta que ela conhecia na vida e que se ela perdesse a confiança em mim, ela não acreditava em mais ninguém no mundo.

Branca Vianna: A Vivi conversou com a Tanya, ouviu o lado dela, tentou relevar a situação... As coisas ficaram estremecidas, mas a amizade ainda não tinha desandado de vez.

Viviane Motta: No começo ela aceitava pouco ajuda minha, tipo pagar uma conta de luz e tal. Uns seis meses depois, ela falou "eu preciso de internet, tem internet e tal. Posso fazer um plano na TIM e tal e aí eu vou pagando por mês para você?" Aí eu falei, "Claro, toma meu cartão", passei os dados do meu cartão, ela foi lá, comprou um pacote, ela falou "Ah, vai dar tanto por mês, tudo bem?". Era tipo R\$99 por mês. Falei, "Tudo bem". Aí no primeiro mês veio isso. E aí no segundo mês veio R\$300. Aí que eu me liguei que ela tinha o meu número do meu cartão e o código do meu cartão, que ela podia fazer N compras online, ela podia fazer qualquer coisa. E aí eu liguei pro meu cartão e falei, "Olha, eu não reconheço essa compra e tal". E aí eles cancelaram. Eles falaram, "Tem 12 parcelas". Eu falei "Cancela isso, pelo amor de Deus", eles cancelaram.

Branca Vianna: E aí, imagina... esse cancelamento do cartão, pra Tanya, virou a confirmação de que ela não podia mesmo contar com a Vivi. Ela encarou como uma traição... e agora, sem o Tarcísio pra botar panos quentes, o resto da "rede de apoio" também se voltou contra ela.

Viviane Motta: Aí, quando eu cancelei o meu cartão, nossa, e foi assim, "Você quer prejudicar a Tanya? Você é má..." sabe, era uma coisa assim. Ia pensando: "Não, gente, ela está me prejudicando financeiramente. Eu não sei o que que ela pode fazer com o meu cartão. Eu não sou trouxa, sabe?" E aí eu pensava, "Gente, mas vocês são tão ricos!"

Branca Vianna: Se antes a Vivi tinha medo de chegar em casa e ver que a Tanya tinha se machucado de alguma forma, agora o medo dela era outro. Ela temia pela própria segurança. Tinha medo que os amigos da Tanya pudessem machucar ela.

Viviane Motta: Porque assim, eu recebi mensagem: “Eu quero ir na tua casa, tirar satisfações. Eu sei onde você mora”. Aí eu já andava pela rua assim. Eu não sei quem são essas pessoas. Eu nunca conheci pessoalmente nenhuma delas, então talvez eu saiba identificar pela fotinho que eu vi no perfil do Facebook. Talvez não, mas elas me conhecem, elas sabem onde eu moro. Elas veem todas as minhas fotos porque eles tinham uma foto, duas no máximo. Eu tinha lá todo o meu perfil do dia a dia, enfim, um perfil ativo de Facebook. Estava começando o Instagram nessa época. E aí eu olhava, andava, assim, olhando para os lados quando eu chegava na minha casa e tal, que era assim “Ah, é o horário que eu estou voltando do trabalho, eles sabem que é o horário que eu estou voltando do trabalho”.

Branca Vianna: Nessa época, entrou uma moça no trabalho da Vivi que tinha o mesmo sobrenome que um dos amigos da Tanya. Ela passou um bom tempo com medo de ser uma espiã – até ela descobrir que as famílias não tinham nada a ver, era só o mesmo nome.

Viviane Motta: Eu sou uma pessoa equilibrada, sabe? Eu sou uma pessoa sensata. Eu pensava: gente, como é que eu tô nessa loucura? Como é que eu tô nisso tudo? E aí, no final das contas, eu vou te falar bem a verdade, que eu senti um alívio tão grande quando, quando essa amizade se desfez, porque era tudo tão pesado para mim. Foi tudo muito pesado, e eu tava exausta emocionalmente de viver com aquilo, sabe? Aí eu me afastei um pouco das minhas outras amigas. E aí, minhas amigas – “Nossa, mas ela é tão estranha. Essas histórias todas são tão estranhas. Tem certeza que vale a pena você continuar ajudando e tal?” Porque, assim, ela precisa de ajuda médica. É diferente. Nesse meio tempo, quando ela foi internada, ela foi diagnosticada como borderline. Hoje eu não sei se era isso sim, se ela é uma psicopata, era uma psicopata, uma sociopata, se ela era tudo isso junto ou se ela era só uma pessoa má mesmo assim, querendo brincar com a vida das pessoas porque ela brincava mesmo assim, ela, ela colocava todo mundo em situações muito limites. E aí eu pensava ao mesmo tempo: “pô, todo mundo se afastou dela, a família, a mãe, irmãos. Ela ficou basicamente com essas poucas pessoas aqui da rede de apoio”.

Branca Vianna: Depois de romper com a Tanya, a Vivi passou um bom tempo tentando decifrar essa história toda, conversando com as amigas dela, repassando tudo.

Viviane Motta: A Lara, ela é minha melhor amiga desde, sei lá, de 17 anos. E aí um dia, conversando com ela, ela sempre achou a história toda demais. Ela

falava “Nossa, mas essa mulher é muito pesada e tal”. E aí um dia, ela conversando, ela falou, “Eu vi o Catfish. Você já assistiu?”

Branca Vianna: Catfish é o nome em inglês pra um tipo de peixe, o bagre. Esse nome, "catfish", "peixe-gato" é porque ele tem uns bigodes, que nem um gato. E é também o nome de um documentário de 2010, que depois virou uma série. O filme é sobre um cara que começa um relacionamento virtual com uma mulher... e descobre no final que a pessoa por quem ele tinha se apaixonado não existia.

Aquela mulher era uma invenção – uma invenção de outra mulher, mais velha, casada inclusive. E, a partir desse filme, o termo "catfishing" passou a ser usado pra se referir a esse tipo de interação – online, em que uma das pessoas é real e a outra é inventada por alguém, se fazendo passar por uma pessoa real.

Aliás, uma curiosidade.

O nome do filme, da série, do conceito, vem de uma história meio bizarra.

Catfish é bagre, né?

E tem um entrevistado no filme que explica assim.

Tinha um problema na indústria bacalhoeira, de transporte de bacalhaus.

Parece que quando você botava um monte de bacalhaus vivos num tanque e levava de um país pra outro, numa viagem que podia levar umas semanas, os bacalhaus chegavam meio molengos porque eles tavam sedentários durante a viagem toda, e a carne ficava ruim.

Então alguém teve a ideia de colocar uns bagres junto com os bacalhaus, porque bagre e bacalhau não se bicam.

Os bagres ficavam espezinhando, mordiscando os bacalhaus, que eram obrigados a correr deles, e com isso chegavam no destino final bem sarados.

Então, só pra gente voltar pro terreno da internet aqui: um catfish, um bagre na sua vida, é alguém que te mantém esperto.

Alguém que tá ali, sempre pronto pra te pegar quando você der mole.

No limite, é uma interpretação tipo “copo meio cheio” desses golpes.

Só que tem um problema. Eu fui atrás de pesquisar e vi que essa história aparentemente não passa de uma lenda urbana, meio que uma lição de moral.

Nada mais apropriado, né? Até a história de origem do conceito é balela.

E aí "catfishing" é qualquer relacionamento virtual em que uma das partes tá mentindo sobre a identidade dela. Seja pra ganhar dinheiro, seja pra cometer outro crime, seja por motivos mais obscuros.

Mas bom, a Lara, a amiga da Vivi, tinha visto a série sobre catfishing e ficou encafifada que isso podia ser o que tinha acontecido com ela.

Viviane Motta: Aí ela falou: “Eu fiquei pensando, eu assisti e é muito parecida com a sua história, com o tal do Tarcísio. Vocês nunca se encontraram, você nunca viu foto dele além da foto do perfil e tal”. E aí eu lembro que nesse mesmo dia eu voltei pra casa pensando “Nossa, eu nunca dei um Google na foto”. Eu dava Google no nome e não achava nada, não achava informação, não achava, assim, ele morreu e eu não vi uma informação de nada e nada de acidente de trabalho nessa época.

Branca Vianna: Mas você sabia o sobrenome dele, tudo, o nome.

Viviane Motta: Sabia, é Tarcísio Piovanni, ele chamava. E aí eu falei, “Cara, eu nunca dei um Google na foto”, porque tem uma ferramenta do Google que você joga a foto lá e ela descobre de quem é a foto ou o lugar que foi tirada, a foto e tal, se tiver a localização.

Branca Vianna: Isso chama "busca reversa de imagem", tá lá no Google, no campo de busca, tem o símbolo de uma camerazinha. Você pode subir uma imagem do seu computador lá ou botar o link dela... e ele acha outros lugares em que a mesma foto foi publicada.

Essa ferramenta é muito útil pra checar a veracidade de uma foto, ou quando ela foi tirada, por exemplo. Jornalistas de checagem usam isso o tempo todo.

Viviane Motta: E aí eu dei um Google na foto. Eis que a foto de Tarcísio é a foto de um modelo que eu não me lembro se ele é egípcio, sei lá, o modelo que existe, que é vivo, que tem uma família linda, um cara lindo, que trabalha super e não é conhecido no Brasil, mas é um cara modelo, com uma carreira e tal.

Branca Vianna: Na verdade, depois a gente foi checar aqui, e o cara que a Vivi conhecia como Tarcísio é um ator e modelo turco chamado Mehmet Günsür. Quer dizer: o Tarcísio tá vivo. Ele só não é o Tarcísio.

Branca Vianna: Aí você viu a foto, você achou o nome desse cara, você conseguiu descobrir quem era...

Viviane Motta: Não, caiu uma fichona, desceu uma ficha de Itu na minha cabeça e eu falei: "Cara, para. Era tudo mentira!" Aí eu: "não, não, não..." Não. “Mas teve um dia que eu ouvi ela falando no telefone com um homem, mas era um homem...” Eu tentando caçar situações que me confirmasse que não, não podia ser tudo mentira, que não – imagina. E aí depois eu fiquei pensando e falei– "não, eu não tenho uma situação que me comprove de que ele era uma pessoa que existia. Que ele era o homem que ele era, que ele era... Que ele existia".

Eu não tenho uma situação que me comprove que Marcelo Jereissati era uma pessoa que existia, que Beto era uma pessoa que existia, que Laura era uma

peessoa que existia. Eu não tinha nada que comprovasse, porque todas as vezes que ela encontrava, que a Tanya encontrava com essas pessoas, ela tirava fotos. Mas eram fotos assim, de paisagens, da mesa, da, da situação... que pode muito bem ser uma foto de Google, uma foto de Pinterest, qualquer coisa assim. Nunca era uma foto da galera, não tinham pessoas nunca nas fotos. E aí eles justificavam dizendo que eles eram pessoas de famílias muito importantes, que eles eram muito... sabe aquela, aquela pessoa – ah, a gente é muito preservado, só tem, sei lá, cinco amigos na redes sociais, 20 amigos, sabe? “A gente não gosta de se expor e tal”. Não gosta porque são muito ricos. Então tem um problema de segurança, aquela coisa toda, né? E aí eu fui, assim. Cara, eu fiquei atordoada, olhando pro nada, pensando "meu Deus, era tudo mentira, eu chorei para uma pessoa, chorei a morte de uma pessoa que nunca existiu".

Branca Vianna: A própria Vivi, hoje, entende que o que ela sentiu era real. Mas, num primeiro momento, ela se sentiu muito humilhada.

Viviane Motta: Meu Deus, como eu fui trouxa, como eu fui idiota! E aí o primeiro momento foi – como eu fui idiota! Não estou acreditando. Eu sou uma pessoa minimamente inteligente. Como é que eu não me dei conta? Ou eu me dei conta e não quis enxergar. Que que aconteceu?

Branca Vianna: Que que aconteceu? Quem tava por trás de tudo isso?

Viviane Motta: Quem é que tava por trás disso tudo? Sabe, quem é que criou toda essa história? Quem é que criou essa rede de apoio, esses personagens? Porque aí eu fiquei – não foi ela. Não é possível que tenha sido a Tanya que tenha feito tudo isso. Aí eu fiquei pensando assim: como que era um interagindo com o outro e era uma interação muito rápida, sabe? Pra um mudar, por exemplo, se a gente pensar que ela usava o mesmo celular ou o mesmo computador pra logar todas as contas, para tirar de uma conta, entrar em outra, por exemplo, ela postava uma foto, eu comentava, imediatamente Marcelo comentava, logo na sequência Laura... E era uma coisa assim de minutos, sabe? Entre um comentário e outro. E aí sempre o Tarcísio, que era o que vinha, sei lá, horas depois ou no dia seguinte, porque ele não era muito conectado às redes. Sabe aquela pessoa low profile?

Mas ao mesmo tempo eu fiquei muito tempo pensando: Será? Será? Não, não é possível. Por que uma pessoa faria isso? Qual é a motivação de uma pessoa fazer isso com a teoricamente melhor amiga? Ela estava fazendo um experimento? Ela estava criando uma ficção para escrever uma história? Porque ela gostava muito de escrever textos e tal. Será que ela estava criando, sei lá, um personagem de um livro que ela estava? Qual era a razão? E de repente ela desistiu de tudo isso, porque ela nunca mais me procurou. Quando eu recebi um último e-mail, o mais agressivo e o que foi desse tal do Beto, eu falei: "Olha, seguinte: se eu receber mais um e-mail seu, da fulana, do fulano, do Marcelo, de não sei quem, com um teor agressivo ou ofensivo, eu vou dar

aqui pra delegacia. Eu tenho todos os e-mails registrados, eu vou na delegacia, eles vão registrar o IP, o IP e que se chama IP do computador. Eles vão descobrir de onde você me escreve, quem são vocês?”.

Branca Vianna: Eu falei lááá no começo que a primeira formação da Vivi foi em direito. E ela lembrou de um professor que sempre dizia: “o direito não socorre quem dorme”. Que significa: se você quiser justiça, é bom você correr atrás das provas.

Viviane Motta: E aí eu falei, “Cara, eu vou começar a guardar esses e-mails, porque se eu tiver que ir numa delegacia e pedir uma medida restritiva, sei lá, dessas pessoas, eu tenho que estar com tudo isso organizado”.

Branca Vianna: A Vivi tava com o dedo no gatilho. Esperando o inbox dela apitar.

Viviane Motta: Mais ninguém falou comigo, nunca mais ninguém falou comigo até hoje. Isso foi 2014. Imagina, nunca mais.

Branca Vianna: É, a gente tá em 2023...

Viviane Motta: É, quase dez anos... E nunca mais. E, e nunca mais soube de ninguém.

Branca Vianna: Pra não dizer que não teve mais nenhum contato: uns dois anos depois de romper com a Tanya, do nada, chegou um email dela. Era um comprovante de depósito daqueles 300 reais que tinham sido cobrados no cartão da Vivi. E foi só.

A Vivi nunca chegou a ter certeza absoluta de que todas aquelas pessoas eram, na verdade, a Tanya. Não teve nenhuma prova cabal. Mas depois de algum tempo, ela ficou sem outra explicação plausível.

Mas a Vivi não conseguia entender o porquê de tudo isso, fosse com ela, fosse com outra pessoa.

Depois de ouvir a história da Vivi, eu fiquei pesquisando bastante sobre catfishing. E pelo que eu vi, as pessoas fazem isso basicamente por dois motivos: recompensa financeira ou recompensa emocional.

São gangues de criminosos, catfishers profissionais atrás de dinheiro, ou então pessoas inseguras e solitárias que criam personagens online pra ter algum vínculo emocional.

Além desses tipos, tem também casos de bullying. O que é um pouco menos interessante, porque aí o catfishing é só mais uma ferramenta no kit dos bullies.

Os catfishers profissionais fazem parte de quadrilhas. Trabalham o dia inteiro nisso, falando com várias vítimas ao mesmo tempo, homens e mulheres.

Eles têm que manter uma planilha com todas as histórias que contam pra não se enrolar.

Tem até um manual de catfishing, com dezenas de páginas, como se fosse um roteiro de telemarketing: se te pedirem para ligar a câmera, vá para a página X, se precisar explicar uma ausência de alguns dias, vá para página Y, etc.

Tem um capítulo sobre como começar a pedir dinheiro, como ir aumentando a quantia aos poucos, como explicar que as transferências não são necessariamente para um banco na cidade onde seu personagem mora.

Alguns casos duram anos, e tem vítimas que até pedem empréstimos no banco ou pra família e amigos, pra continuar fazendo esses pagamentos.

Os personagens inventados por profissionais e não-profissionais tendem a ter duas coisas em comum. Primeiro, essas pessoas inventadas quase sempre seguem um padrãozinho de beleza bem desses de revista.

Se for mulher, é bonita, gostosa, tira fotos de biquíni, leva uma vida animada. Se for homem, é alto, forte, bonito e bem-sucedido profissionalmente. Tipo o Tarcísio Piovanni.

E o personagem inventado também tende a ter alguma tragédia no passado.

Um trauma, alguma carência. Uma coisa que evoque empatia, que faça a vítima sentir mais vontade de cuidar dele.

Lembra, o Tarcísio tinha uma namorada nos Estados Unidos que tinha se suicidado.

Seja por dinheiro, seja por afeto, são dias e dias, meses, anos de trocas de mensagem.

São muitos os casos de catfishing.

Nesse sentido, a história da Vivi é até um pouco banal.

Tem uma indústria toda em torno disso, e tem muita gente que percebeu que a nossa existência virtual dá margem pra esse tipo de relacionamento.

Mas eu nunca tinha conversado com alguém que tivesse ficado enredado durante tanto tempo numa trama tão complexa.

Não era um relacionamento com um cara só.

Era um relacionamento com uma turma toda, um grupo que tinha um pé na realidade.

E não era por dinheiro. Porque, afinal, tudo que a Tanya tirou dela foram 300 reais no cartão de crédito, isso depois de anos. A Tanya nem precisava ter inventado meia dúzia de pessoas pra fazer isso. E, no fim, ela ainda devolveu esse dinheiro.

A Vivi caiu nessa história num momento peculiar da Internet.

Porque, nos primórdios, antes do Skype, antes das pessoas usarem os nomes completos nos perfis, antes das ferramentas de busca serem mais avançadas... se relacionar com alguém na internet era meio que sempre uma roleta russa.

O que te garantia que a pessoa era quem ela dizia que era? Nada. E isso fazia um pouco parte do pacto.

Mas a Vivi conheceu os amigos da Tanya num momento em que a internet tava ficando um pouco mais padronizada.

O Facebook fez uma revolução nisso – os perfis funcionavam quase como uma carteira de identidade.

Então, conforme tudo ia se institucionalizando, a gente tinha menos motivo pra duvidar.

E tinha o detalhe de que essas não foram amizades que vieram do nada.

Tinha uma pessoa de carne e osso do lado da Vivi, que tinha apresentado ela pra essas pessoas, esse elenco todo.

Uma pessoa que não parecia mitômana.

Que falava no telefone com esses amigos, na frente da Vivi.

Viviane Motta: E eu passei algum tempo pensando se eu queria saber a motivação e tal. Mas aí eu cheguei a uma conclusão que eu falei: "Cara, isso foi uma fase da minha vida, um momento da minha vida, assim. Isso não é a minha vida, essa não sou eu, eu não quero mais esse tipo de gente perto de mim. Então, assim, se eu ficar levando essa história para descobrir a motivação, as nuances, o que era, o que não era, esmiuçando cada coisa, eu vou enlouquecer junto com ela. Então, assim, quer saber? Eu não quero nunca mais saber dela".

Branca Vianna: A Vivi ficou nessa durante anos. Ela não contava essas histórias pra ninguém, não ficou tentada a investigar mais, de puxar mais nenhum fio.

Ela ficou sabendo de um amigo que teve com a Tanya de férias, em Portugal, e que ela tava bem, viajando com um namorado legal, estava feliz.

Isso faz alguns anos, antes da pandemia.

Daí, passou um pouco mais de tempo, e uma amiga em comum puxou papo. "Cê tá sabendo? A Tanya morreu".

Viviane Motta: Pensei: "olha, conhecendo ela, não me surpreende mais. Não me surpreende também se ela forjou um falecimento, entendeu? Nada me surpreende". Aí eu falei: "mas será? Não, eu não sei".

Branca Vianna: A Vivi até resistiu um pouco antes de ir investigar se essa morte era verdade, ou se era mais uma história mirabolante da Tanya.

Mas a curiosidade falou mais alto.

E, fuçando na internet, com o nome completo da Tanya, ela achou uma ação do espólio dela.

Viviane Motta: Então, realmente, em algum momento entre, sei lá, 2019 e agora, ela faleceu.

Branca Vianna: A gente queria muito ter ouvido o lado da Tanya dessa história, se ela tivesse disposta a contar. Mas não deu.

Então a gente fica com aquilo que ela escreveu.

Com todas as mensagens do Tarcísio. Todas as mensagens do Marcelo. Todas as mensagens do Beto, da Laura, da Carol.

E no meio disso, a Vivi é a única sobrevivente desse enredo.

A única cuja história foi pra frente.

Branca Vianna: Você me parece, você me parece muito bem resolvida com essa história, Vivi.

Viviane Motta: Sou, sou. Não foi uma coisa que... Eu sou. Uma pessoa que eu não guardo, sabe? Não vou levando rancores e mágoas e traumas e tal. Não, eu não sou uma pessoa que ficou batendo nisso. Vira e mexe eu lembro de falar “Ah, meu Deus, como eu fui sacaneada, coitada!” Não, aconteceu. Eu acho assim... história para contar.

Branca Vianna: É uma história pra contar.

Viviane Motta: É um alerta. É um alerta para as pessoas. Assim fica cuidado, confia desconfiando. Eu sou uma pessoa que confio desconfiando. Até hoje eu vou lá e pesquiso as pessoas, sabe, conheço alguém e...

Branca Vianna: Você acha que começou a desconfiar mais depois dessa história toda?

Viviane Motta: Ah, sim. Não, bem mais.

Branca Vianna: Então isso mudou, isso foi uma coisa que mudou?

Viviane Motta: É, sim. Meu namorado fala hoje que eu to sempre com a guarda alta. Mas assim, namorei uma pessoa que eu conheci pela internet, e o meu atual namorado também conheci num aplicativo, então, assim, não é uma coisa que – ah, me traumatizou toda essa história, eu fiquei muito tensa. Não, não é nada disso, não é... vida que segue, né?

Branca Vianna: A Vivi nunca achou que ela fosse cair nesse tipo de golpe. Mas, depois de mergulhar nesse assunto, eu acho que essa é uma pré-condição básica pra cair num golpe desses: achar que você é o tipo de pessoa que jamais vai cair.

Na época em que a Vivi tava trocando mensagens com os amigos da Tanya, catfishing não era um conceito tão conhecido.

Mas mesmo hoje, que tá em todo canto, as pessoas caem.

Mesmo pessoas que sabem perfeitamente o que é catfishing.

É um golpe fundado numa necessidade muito básica: a necessidade de ser amado, de ser compreendido.

A gente precisa de apoio. A gente precisa de atenção.

A Vivi não é exceção. Nem eu. Nem você.

Viviane Motta: E é importante eu entender que a loucura era dela e não minha. Sabe que ela só foi só eu... fui mais um personagem na história que ela criou, mas eu não sou essa história, não sou nada disso.

Branca Vianna: Quando ela pensa nesse enredo hoje, nesse romance russo que a Tanya escreveu pra ela, e com ela, ao longo de meses e meses, quase tudo parece que desmoronou. Como se ela não tivesse vivido nada daquilo.

Com exceção de um capítulo.

Viviane Motta: O que foi bem traumático foi eu tá conversando com um cara, ali, e, de repente, o cara morrer. A sensação que eu tive... essa sensação me acompanhou, assim, quase uns dois anos, eu ainda ficava lembrando dessa sensação: de você ter uma pessoa do teu lado que você conversa, interage e, de repente, a pessoa morreu. Desapareceu pra nunca mais. Até que eu me dei conta de que era uma mentira e eu parei de sentir tristeza e só me sentia uma idiota, porque era uma coisa assim “puta, eu não acredito que eu chorei por essa história, que trouxe, que imbecil que eu fui”. Não, não. Eu tive a sensação desse luto, sabe? E, por um lado, é até bom. Porque quando alguém me conta alguma coisa assim de luto, de perda de uma pessoa, de um companheiro, algo assim, eu consigo entender essa sensação.

Branca Vianna: Assim, o luto era real, o Tarcísio não era real, mas o luto era real.

Viviane Motta: O luto pra mim existia, o luto existiu.

Branca Vianna: Essa foi a Viviane Motta.

Queria agradecer a ela por ter compartilhado essa história com a gente e ao Paulo Henrique Miranda por ter contado a história pra gente em primeiro lugar.

Agora, quem vai contar uma última história neste nosso episódio de dia da mentira – porque nessa altura do campeonato dá pra dizer isso sem dar spoiler – é a Natália Silva.

Natália Silva: Eu adorava fazer perguntas pro meu avô. Um dia, eu perguntei:

– O que aconteceu com o seu dedão?

Acho que era um sábado. A gente tava sentado na varanda da casa dele. Meu vô usava óculos com lentes bem grossas. Elas até escapavam um pouco por trás da armação de metal, e esbarravam na sobancelha mal aparada dele. Eu acho que ele ouviu a minha pergunta, mas continuou olhando pra rua sem dizer nada.

As mãos dele, com nove dedos e meio, tavam apoiadas na perna. Ele tava olhando pro par de árvores que ele plantou na calçada uns bons anos antes – no dia do casamento dos padrinhos da minha irmã – e continuou quieto.

Eu perguntei de novo. Ele riu baixinho, abriu a boca emoldurada pelo bigode – esse sim, sempre bem aparado, praticamente a assinatura dele – e respondeu:

– Isso é coisa de vô.

Qualquer criança curiosa que se preze ia pedir explicações. O problema é que, não muito longe dali, assistindo TV deitado no sofá, tava meu outro avô – o pai da minha mãe. E na mão esquerda dele, relaxada por cima da cabeça, também faltava meio dedo.

Então, para mim, aquela resposta – de ser uma coisa de vô – fez um sentido terrível.

Eu só conseguia pensar no que os avôs do mundo tinham feito de errado para perder um dedo. Meio dado, na verdade. A amputação acontecia logo no primeiro neto? Ou no terceiro? Era uma troca: ou o dedão ou o neto? Ou era um ritual? Tinha sido minha culpa? Doeu?

Meu choque foi tão grande que eu não perguntei mais nada sobre o dedo perdido do meu vô nem quando eu descobri que ele tinha mentido pra mim.

Foi em algum aniversário na casa da minha melhor amiga de infância, a Amanda. O avô dela, assim como os meus, era um homem adorável. Tinha um bigode grosso, como o do pai do meu pai, e foi pedreiro, como o pai da minha mãe. Mas as semelhanças acabaram por aí. Não foi difícil contar os dedos da mãos dele enquanto ele comia o bolo. Dez dedos, apesar dos três netos que ele tinha.

Eu entendi que o meu vô tinha feito o que ele fazia sempre: deixar coisas dolorosas mais leves. Meu pai me contou, anos depois, como foi que o pai dele perdeu o dedo: num acidente de trabalho. Mas "coisa de vô" sempre vai me parecer uma resposta muito melhor.

O meu vô foi, acima de tudo, um homem que sabia o que dizer. E o que não dizer. Por mais que muitas vezes ele escolhesse o silêncio, as palavras moravam dentro dele. E como foi difícil ver elas indo embora. Primeiro sozinhas, depois em bandos. Até que conversar com ele virou um delírio.

Começou com frases que ficavam pelo meio do caminho. Por sorte e, ao mesmo tempo, por um tremendo azar, o meu vô se casou com a minha vó, uma mulher capaz de conduzir três conversas ao mesmo tempo. Quando a memória dele começou a falhar, ela completava as frases com uma palavra ou outra. Depois, o que parecia uma dança delicada em que raciocínios se cruzavam graças aos anos de convivência, virou uma corrida na qual ele sempre ficava pra trás. O meu vô não

conseguia dizer meia palavra sem ser atropelado por pensamentos que não eram dele, mas que eram registrados como se fossem. Foi assim que meu vô foi embora: aos poucos.

Num outro sábado, naquela mesma varanda onde ele tinha me dado aquela resposta ao mesmo tempo genial e lacônica, de frente pras mesmas árvores, que continuam de pé, nós dois trocamos de lugar. Foi a vez dele de me fazer uma pergunta difícil:

– Quem é a moça?

Ele perguntou isso pra minha vó, olhando pra mim.

Era o primeiro ano da pandemia. Metade do meu rosto tava coberta por uma máscara. Eu dei uns passos pra trás, preni a respiração e mostrei o meu nariz e a minha boca, na esperança de que isso fosse o suficiente pra ele lembrar quem eu era.

– É a Natália. Filha do Edinho.

Eu não chamei ele de vô. Nem disse que o Edinho era o filho mais velho dele. Eu achei que ia doer demais.

Eu percebi, nos olhos dele, que ele não fazia a mínima ideia de quem eu era. E aí eu também não sabia quem eu era.

Sem dizer nada, o meu vô sorriu pra completa estranha sentada na varanda dele.

Como se ele me conhecesse. Eu sorri de volta. Como se eu acreditasse.

Mentimos os dois. E talvez eu nunca tenha sido tão neta dele quanto eu fui naquele momento.

Branca Vianna: Essa foi a nossa produtora, a Natália Silva.

E esse foi o Rádio Novelo Apresenta dessa semana. Obrigada por ouvir.

Se você ainda não escutou todos os episódios do Apresenta, volta lá no seu aplicativo e completa esse álbum – porque os episódios não ficam velhos, dá pra ouvir quando e na ordem que você quiser.

Aproveita pra seguir o podcast no aplicativo, dar cinco estrelas, enfim, fazer aquelas coisas todas: isso ajuda demais o programa a chegar a mais ouvintes.

Vale também, claro, recomendar nas redes sociais, nos grupos de zap, repercutir as histórias no bar, espalhar a palavra, mesmo.

Agora: se você tem uma boa história que você acha que precisa ser contada aqui no programa, manda pra cá. O nosso email é apresenta@radionovelo.com.br.

Você também pode só marcar a gente nas redes, no [@radionovelo](https://www.instagram.com/radionovelo).

Ah, e no nosso site, tem sempre referências de leitura e material extra pra cada história que a gente publica. Pra essa semana, tem alguns prints que a Vivi compartilhou com a gente de conversas com a turma da Tanya. O endereço é radionovelo.com.br.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo, e toda quinta-feira tem episódio novo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de produto e audiência é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são Vitor Hugo Brandalise, Évelin Argenta e Bia Guimarães.

As produtoras da nossa equipe são Bárbara Rubira, Gabriela Varela, Júlia Matos e Natália Silva.

A Paula Scarpin fez o desenho de som.

Nesse episódio, a gente usou música original de Kiko Dinucci e, também, da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela FêCris Vasconcellos e pela Bia Ribeiro.

O Eduardo Wolff é responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais, e o design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Obrigada e até a semana que vem!